

**TECNOLOGIAS ANCESTRAIS:
RESGATE DA MEMÓRIA E DO
CONHECIMENTO ANCESTRAL
ACERCA DO TRATA COM A TERRA E
GESTÃO DA ÁGUA A PARTIR DA
AGROECOLOGIA URBANA**

urbe urge 2021

A partir da provocação do programa *Urbe Urge: resposta à emergência climática*, o nosso coletivo, proponente do projeto intitulado “Tecnologias ancestrais: resgate da memória e do conhecimento ancestral acerca do trato com a terra e gestão da água a partir da agroecologia urbana”, composto inicialmente pela mestra quilombola, Gláucia Martins; a pesquisadora, banqueteira e especialista em patrimônio Patrícia Brito, e o pesquisador e arquiteto-urbanista Daniel Menezes, apostaram na ancestralidade e na agroecologia como um dos caminhos possíveis para tentar responder a emergência climática que devora as várias terras possíveis: Seja o *Ilê Aiyê*, a *Pachama*, a *Abya Yala* ou a *Gaia*. Posteriormente, nosso coletivo foi contemplado pela contribuição indispensável de outras duas mestras do Kilombo Família Souza, Simone Abranches e Maria Adélia dos Reis, que possuem uma relação intrínseca com o processo de cozinhar, plantar e colher, foco inicial de nossa proposta.

A proposta do nosso coletivo surge a partir de um processo agroecológico já experimentado pelo Kilombo Souza, vislumbrando um processo onde essas práticas sejam ampliadas fortalecendo a soberania alimentar desta e de outras comunidades tradicionais e originárias, entrelaçando um processo que considere a gestão e reaproveitamento da água, a produção de alimentos e a compostagem, produzindo no território do Kilombo Souza um organismo socioambiental de produção e gestão de alimentos e recursos hídricos.

A proposta teve como alicerce principal a Unidade Produtiva, projeto da Prefeitura de Belo Horizonte, que fomenta processos agroecológicos em Belo Horizonte, e pretendeu ser desenvolvida a partir da formação e trocas entre saberes da tecnologia ancestral e contemporâneas, a considerar os princípios técnicos dos seus ancestrais, desenvolvendo as atividades de forma horizontal e preferencialmente através de oficina, buscando sempre a socialização dos saberes.

Trata-se portanto de uma introdução geral do processo e seus desdobramentos, com o intuito de incentivar sua curiosidade e que você se sinta engajado em continuar a leitura, que diminuí-la.

Para ilustrar cada processo, aqui apresentados como capítulos, invocamos as forças dos Adinkras, que são um conjunto de símbolos dos povos Akan do oeste de África, que representam ideias expressas em provérbios, conceitos e aforismos e se apresenta enquanto um sistema de escrita própria dos povos Asante, no atual Gana, o que coloca em contradição a afirmação de que o conhecimento africano ancestral se transmite exclusivamente pela via oral, expandido-se para além do conceito ocidental de que a escrita se dá somente pela letra grafada e escrita. O significado de cada Adinkra representante de cada processo foi o que nos norteou o inspirou na construção de cada processo e etapa, sempre acreditando que a palavra - falada, escrita, representada - segue sendo o maior veículo de Axé, a energia dinamizadora da vida. Não à toa, fizemos diversas experimentações durante o processo de representação e narra-

ção de nosso processo. Passamos pela letra grafada, pela representação e diálogo que se dá pela imagem, até chegarmos na narrativa oral, presente no corpo do texto escrito.

No processo experienciado junto às comunidades quilombolas, o que vislumbramos desde o início é que as possíveis respostas à emergência climática pudessem vir a partir de vários lugares e algumas dessas respostas já estão intrínsecas às práticas sociais e culturais dessas comunidades quilombolas e outros grupos sócio-espaciais, como os povos originários indígenas, por exemplo.

Entendendo que o mais importante foi o nosso processo e na tentativa de responder sobre as emergência climática foram sendo desvelados vários processos que poderiam indicar caminhos para que essas emergências climáticas e outras questões urgentes para as comunidades quilombolas fossem sendo respondidas: a importância de implementar processos que sejam capazes de garantir soberania alimentar, pensando na possibilidade de agência sobre o cuidado de sua própria alimentação; o jardim do sagrado, garantindo a agência sobre sua própria saúde, seja física ou espiritual, e o direito ao culto religioso de matriz afro-brasileira; as diversas conexões e redes de trocas que foram sendo estabelecidas entre as demais comunidades quilombolas, Kilombo Família Souza, Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Comunidade Quilombola de Mangueira, Quilombo dos Luízes e Quilombo Matias, este último em processo de certificação junto a Fundação Cultural Palmares; outros grupos sociais, como as Mulheres da

Ilha do Fogo em Cabo Verde; os assentamentos Ho Chi Minh e João Pedro Teixeira do MTST - Movimento Sem Terra; os Guaranis a partir da interlocução da liderança indígena Jerá Guarani; os Xakriabás a partir de Zeza, pertencente a outro coletivo participante do programa Urbe Urge; a possibilidade de emancipação econômica, seja pelo plantio ou pela artesanaria nas bambuzerias-escolas, a partir dos diálogos com o mestre Lúcio Ventania e o Centro de Referência do Bambu e Tecnologias Sociais - CERBAMBU/RAVENA. .

Fica o entendimento, a partir das palavras de Gláucia, mestra quilombola e uma das integrantes do coletivo de Tecnologias Ancestrais, que as sementes que foram plantadas agora responderão no futuro, que esperamos que seja breve, as questões climáticas tão urgentes no nosso cotidiano.

Consideramos que todo o processo até aqui, que é o que mais nos importa, primeiro por ter colocado em contato, algo que até então não havia acontecido de maneira plena, as cinco comunidades quilombolas presente no perímetro político e geográfico que entendemos como Belo Horizonte. As comunidades começaram a dialogar e pensar projetos de futuro que sejam coletivos, em um processo de coletivização de suas subjetividades, que são singulares em cada uma dessas comunidades. O fato do processo de credenciamento das Unidades Produtivas ter tido seu calendário atrasado, a princípio um desacerto, foi o que nos motivou a buscar outros caminhos e construir outras possibilida-

des já que nossa proposta inicial havia sido desmobilizada pelo calendário da Prefeitura de Belo Horizonte. Exú, senhor dos caminhos e da contradição dialética, sabe o que faz! Laroyê!

Enquanto processo, fomos mobilizando diversas conexões e redes de troca, que em um processo temporal precisam acontecer e continuarem a serem engajadas para além do tempo permitido pelo Urbe Urge 2021, buscando sua concretização no futuro, como é o caso das bambuzerias-escolas, da rede de troca de sementes, a implementação da agroecologia nos territórios quilombolas, processo que tem como previsão de implementação o ano de 2022, por exemplo.

De fato, não conseguimos desenvolver plenamente a proposta inicial de implementação e concretização da Unidade Produtiva no território do Kilombo Família Souza, mas conseguimos plantar diversas sementes que continuaremos a regar, buscando que floresçam em árvores frondosas.

Esperamos que o processo experimentado pelo nosso coletivo durante essa edição do programa Urbe Urge sirva como inspiração de outros caminhos possíveis, de preferência àqueles que sejam coletivos, dispostos ao diálogo e abraço da diferença. Seguimos em diálogo e acreditando que outros futuros são possíveis. Obrigado por nos acompanharem até aqui e nos vemos em breve!

Modupé!
Gláucia, Patrícia, Daniel, Simone e
Adélia.

Quem somos nós

Gláucia Martins



Quilombola e filha da atual matriarca. É mobilizadora e articuladora no Kilombo Família Souza, representante da Associação Cultural do Kilombo Souza, ainda em processo de conformação e conselheira na Associação Comunitária do Bairro Santa Tereza - ACBST. Atua juntamente com a Rede Quilombola do Estado de Minas Gerais, é representante no Conselho de Assistência Social de Belo Horizonte, mestra organizadora das cerimônias do Kilombo Família Souza e responsável pelos cuidados do Quarto de Santo e Exú.

Patrícia Brito



Gaduada em Letras pela PUC Minas, atua no campo do patrimônio cultural material e imaterial tendo desenvolvido projetos para o IPHAN, IEPHA, ONU e prefeituras municipais. Cozinheira, pesquisadora e banqueira do campo alimentar, especialmente ao que se relaciona com a memória gustativa, com participação em banquetes públicos, artísticos e performances, com diversos trabalhos publicados sobre memória alimentar e comunidades tradicionais.

Daniel Menezes



Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU) da UFMG. Arquiteto Urbanista pela PUC Minas, Técnico em Edificações pelo Colégio Metrópole, tendo estudado Desenho Urbano e Paisagismo na Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad de Valladolid, na Espanha. Atualmente é membro da Associação Arquitetas Sem Fronteiras - ASF Brasil, onde atua como assessor técnico para grupos sociais organizados urbanos e rurais. Participa do Coletivo @arqb.lack, promovendo discussões acerca do papel da arquitetura e do arquiteto no mundo contemporâneo; é sócio-fundador do escritório Maloca Arquitetura, onde desenvolve projetos arquitetônicos autorais. É batuqueiro no Maracatu Ilê Asé Sòpònnòn e iniciado como Ìyáwó ọmọ Ọ un no terreiro de candomblé Ilê Asé Sòpònnòn. Tem interesse por discussões acadêmicas que tratam da autoprodução do espaço por vieses epistemológicos outros senão àqueles hegemônicos e há muito convencionados.

Simone Abranches



Quilombola e sobrinha da atual matriarca do Kilombo Família Souza. Trabalha com estética fazendo unhas à domicílio no final de semana, além de ser uma das mestras do Kilombo Família Souza que detém os conhecimentos acerca dos pratos típicos e as receitas culinárias da família Souza e Abranches, sendo uma das guardiãs da memória alimentar do Kilombo e é também responsável pelo cuidado e "firmezas" no Quartinho de Santo.

Maria Adélia dos Reis



Quilombola e cunhada da atual matriarca do Kilombo Família Souza. Mestreira do Kilombo Família Souza que possui os conhecimentos sobre o processo de plantio, colheita e produção de alimento no Kilombo Família Souza, sendo uma das responsáveis por gerir e cuidar dos espaços destinados ao plantio na comunidade

ORALITURAS E NARRATIVAS SOBRE A TRAJETÓRIA DO KILOMBO FAMÍLIA SOUZA



“Sankofa - símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro” (IPEAFRO, 2021).
Fonte: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade - Ceert, 2021.

“O Sankofa normalmente aparece representado com duas cabeças e em uma tradução literal para o português seria algo como “volte e pegue”. Uma das interpretações possíveis para essa iconografia é a representação da busca pela ancestralidade, ou ainda, em uma perspectiva afrofuturista de que hoje, no presente, somos o futuro de alguém (que esteve no passado) e seremos o passado de alguém (que estará no futuro). O pássaro se apresenta com os pés fincados no presente, dividindo as duas cabeças entre passado e futuro. Uma de suas cabeças mira o passado e busca o necessário (tecnologias, saberes, espiritualidade, recordações, memórias), enquanto a outra vislumbra futuros possíveis”.

O Kilombo Família Souza, localizado na rua Teixeira Soares, 895 a 1005, bairro de Santa Tereza/Belo Horizonte, é o quarto quilombo em contexto urbano de Belo Horizonte reconhecido pela Fundação Cultural Palmares (FCP), além das comunidades tradicionais Kilombu Manzo Ngunzo Kaiango, Comunidade Quilombola de Mangueiras e Quilombo dos Luízes.

O Kilombo Souza foi reconhecido como terra quilombola em 16 de julho de 2019 pela portaria da Fundação Cultural nº 126. A partir de então, o Kilombo Família Souza foi incluído no Livro de Cadastro Geral nº 019 sob o nº 2.766 às fls. 188. Em âmbito municipal, foi registrado enquanto Patrimônio Cultural Imaterial de Belo Horizonte, por decisão unânime do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural (CDPCM-BH), em sessão ordinária de 18 de novembro de 2020, tendo sido inscrito no Livro de Registros dos Lugares.

O Kilombo Souza foi fundado pela matriarca e patriarca, Elisa de Souza e Petronillo de Souza, nascidos na Freguesia de Angustura e São José d'Além Parahyba, respectivamente. Ela filha de Cezária Teixeira e José Teixeira, nascida sob a égide Lei nº 2.040, de 28 setembro de 1871, popularmente conhecida como Lei do Ventre Livre ou Lei Rio Branco. Petronillo temporariamente escravizado, tendo herdado esta condição de sua mãe Joanna, mulher negra escravizada em uma das fazendas de Joaquim Luiz de Souza Breves, um reconhecido traficante de sujeitos africanos, na cidade de São José d'Além Parahyba. Infelizmente, o acervo pessoal do Kilombo Família Souza não

possui nenhum registro fotográfico de Petronillo.



Dona Elisa de Souza em 1927.

Fonte: acervo pessoal do Kilombo Família Souza

Elisa e Petronillo se casaram em 1902 na cidade de São José d'Além Parahyba e dessa união nasceram sete filhos, sendo eles: Sebastiana, Maria, Eurides, Eurico, Odette, José e Joaquim. Após oito anos migrando de território em território, no ano de 1910, Elisa, Petronillo e família se mudam para a nova capital do Estado de Minas Gerais, em busca de novas possibilidades de viver e fazer-se, onde adquirem um território, comprado com registro de compra e venda lavrado em cartório, no bairro de Santa Tereza. Território este onde a família Souza se encontra, após 111 anos, até os dias de hoje. Ao chegarem em Belo Horizonte, começam a desenvolver diversas práticas, sobretudo, relacionadas ao cuidado e trato com a terra, produção agrícola comercializadas em feiras em Belo Horizonte e a criação de víveres, como suínos e galinhas, exportados

para cidades como o Rio de Janeiro. Essas práticas eram a principal fonte de renda da família, além dos trabalhos desenvolvidos por Petronillo de Souza com a carpintaria, tendo relatos orais de membros da comunidade Kilombo Souza que contam sobre a participação do patriarca como carpinteiro esculpindo as portas da ex-Catedral de Nossa Senhora da Boa Viagem.

A vinda para Belo Horizonte pode ser interpretada como essa necessidade de encontro de uma identidade e construção de uma subjetividade outra, para além da de ex-cativo. Deslocar-se, mudar-se de São José d'Além Parahyba, denota a necessidade de desligar-se de um passado de opressão e violência, talvez, encontrando na nova capital do Estado de Minas Gerais outras possibilidades, dado as impossibilidades, uma vez que estar em Belo Horizonte não minimizou o efeito do racismo (estrutural) na vida e prática quilombola de Elisa, Petronillo e seus descendentes. Ou seja, é a busca por viver e fazer-se a partir de outros modos de estar e perceber o mundo. É importante refletir que “o quilombo surge do fato histórico que é a fuga. É o ato primeiro do homem que não reconhece que é propriedade de outro, daí a importância da migração, da busca do território” (ÔRÍ, 1989). Migrar mais do que uma mudança territorial, significa para os quilombolas a possibilidade de se encontrar consigo mesmo e com sua ancestralidade. “O fundamento do quilombo é a terra. O homem se identificando profundamente com a terra” (ÔRÍ, 1989). Como podemos ver, na fala da historiadora Beatriz Nascimento, narradora no filme Ôri (1989) da diretora Raquel Gerber, o quilombo é muito mais que um espaço físico:

O quilombo é uma história... Essa palavra tem uma história e também tem uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a ordem do tempo; sua relação com o território. É importante ver que hoje o quilombo traz para gente, não mais o território geográfico, mas o território a nível de uma simbologia. Nós somos homens, temos direito ao território, à terra. Várias e várias parte da minha história me contam que eu tenho direito ao espaço que eu ocupo na nação e é isso que Palmares está dizendo naquele momento. Eu tenho direito a um espaço que eu ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro deste limite geográfico que é a capitania de Pernambuco. A terra é o meu quilombo, meu espaço é o meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Onde eu estou, eu sou.

A compra dos lotes coloniais nº 41 e nº 42 da ex-Colônia Américo Werneck, pode ser interpretado enquanto essa necessidade de resgate de uma identidade, a construção de alternativas, para além de uma interpretação rasa que vai entender a vinda para a capital somente enquanto uma necessidade de encontrar emprego, ou ainda, que a escolha dos lotes nº 41 e nº 42, se traduz na sujeição de comprar o que sobrou, o que mais ninguém gostaria de ter comprado, pelas dificuldades topográficas do terreno, um lugar com pouca relevância para o mercado imobiliário, com poucas possibilidades de gerar renda fundiária. Essas percepções rasas destituem esses sujeitos do lugares de atores que para além do território do Kilombo Souza, contribuíram também com a conformação da cidade de Belo Horizonte. Retira-se deles o direito à cidade e o direito de fazer a cidade, sobretudo, em um contexto da possibilidade de não

reconhecimento da posse do terreno, continuando com a tradição do silêncio, da reafirmação da exclusão que marca a trajetória da família Souza no acesso à cidade. É importante refletir que esse processo de resgate da memória nos permite examinar, quando não perceber, a capacidade desses sujeitos de definirem e pensarem sobre o espaço que ocupam, contrariando o senso comum que vai interpretar esses processos enquanto somente – mais ou menos capazes –, não reconhecendo, que enquanto sujeitos de ação, suas escolhas não estão menos dotadas de um senso crítico, como podemos perceber na decisão de Petronillo de Souza e Elisa de Souza de pagarem pelo terreno onde hoje está abrigado o Kilombo Família Souza e seus descendentes. Os relatos orais de membros da comunidade, nos contam ainda que eles plantavam diversos tipos de

plantas, árvores e ervas medicinais, podendo citar: mandioca, goiaba, quiabo, jaboticaba, bananas caturra e prata, pimenta do reino, canela, cravo, louro, mexerica, limão, cana-de-açúcar caiana. Além dessas plantações, a comunidade relata, em memória, que também havia mandioca, batata-doce, quiabo, cará, beterraba, cenoura, cenoura baroa, chuchu, feijão, milho; verduras como taioba, couve, alface, almeirão; diversas frutas, dentre elas mangas ubá, coquinho, sapatinha e espada, maracujá doce, ameixa, acerola e pitanga preta. As ervas medicinais também faziam parte da produção agrícola da família, e assim fabricavam remédios caseiros utilizando, por exemplo, o fumo para tratamento de caxumba. Também havia no quintal funcho, lágrima de nossa senhora, picão, dentre outras ervas medicinais.



Pátio, caminhos e horta no Kilombo Souza em 2020. Fonte: Léo Tafuri.

Devido ao processo sistemático de perda do território, atualmente não existe mais a prática de plantar e colher como fonte geradora de renda, ainda que seus membros (Maria Adélia, Simone, Marquinhos e tantas(os) outras(os) continuem com a prática como forma de subsistência. Atualmente, podemos perceber a presença de diversas árvores e plantas, algumas do tempo da fundação do Kilombo Souza, tais como as bananeiras. Há ainda a presença de pés de mamão, manga, romã, limão siciliano, canela, mandioca, jaca, uvas, bananas, pitanga, amora, graviola, abacate, laranja, mexerica, camu-camu e muitas outras hortaliças.

É a partir dessa potência ancestral, que a proposta deste projeto surge, tendo como viés o processo agroecológico já experimentado no Kilombo Souza, vislumbrando um processo onde essas práticas possam ser ampliadas fortalecendo a soberania alimentar desta e de outras comunidades tradicionais

quilombolas ou não. Nossa proposta vai de encontro diretamente com o item 11 da Agenda 30 da ONU, "Cidades e Comunidades Sustentáveis", uma vez que a proposta pretende entrelaçar um processo que considere a gestão e reaproveitamento da água, a produção de alimentos e a compostagem, produzindo no território do Kilombo Souza um organismo socioambiental de produção e gestão de alimentos e recursos hídricos. É uma proposta com potencial, uma vez, que o que for experimentado no Kilombo Família Souza, poderá ser reaplicado, guardando as proporções, escalas e contextos, em outros lugares. A proposta vai explorar o aproveitamento da água da chuva, assim como o melhor uso e aproveitamento de seu terreno, a partir de uma ecologia de integração do território, processo já experimentado pelos fundadores do quilombo, que fizeram usos do território condizentes com a perspectiva ambiental, visto na dinâmica e traçados originais do quilombo, que respeitava o



Culturas alimentícias produzidas em 2021 no Kilombo Souza. Fonte: Daniel Menezes

percurso da água e a topografia. A forma como a proposta será tratada perpassa por formação e trocas entre saberes da tecnologia ancestral e contemporâneas, a considerar os princípios técnicos dos seus ancestrais, desenvolvendo as atividades de forma horizontal e preferencialmente através de oficina, buscando sempre a socialização dos saberes

Algumas práticas são centenárias, outras mais recentes, o que denota a necessidade de interpretar e tratar os quilombos enquanto manifestações socioculturais que se atualizam e caminham para o futuro, sempre um continuum da história, reconfigurando-se sem perder sua essência original e fundadora. Apesar de tanto tempo de história, a memória dos ancestrais, das práticas primeiras, da luta e de toda a história construída ao longo dos anos no Kilombo da Família Souza segue viva nos mais novos, tal como uma referência de horizonte a ser seguido, encontrando possibilidades outras de futuro. Um futuro que não seja somente de luta e resistência, mas de dignidade e direitos garantidos, percepções de futuro que remetem ao ideograma Sankofa, apresentado no começo do texto.

Futuro que a contragosto de investidas desonestas e um sistema social deslegitimador de subjetividades e existências tem se concretizado e se mostrado sólido, sobretudo, na presença e na participação daqueles que descendem de Petronillo de Souza e Elisa de Souza, mesmo após mais de um século. Parafraseando fala da historiadora Maria Beatriz Nascimento, "a memória são conteúdos de um continente, de sua vida, de sua história, do seu passado. Como se o corpo fosse o documento" (ÔRÍ, 1989). Os quilombos são pequenas áfricas em diásporas pelo mundo e os Estados desse grande continente são cada membro que o compõem, tendo inscrito em seus corpos

essa memória ancestral. "A invisibilidade está na raiz da perda da identidade" (ÔRÍ, 1989), portanto, não podemos permitir que essa memória quilombola no bairro de Santa Tereza seja apagada da história da cidade de Belo Horizonte pela ganância da especulação imobiliária que atua em "processos de apagamento voluntário - porque naturalizado - da existência simbólica da população de origem africana e sua experiência diaspórica como agentes da produção do espaço" (PEREIRA, 2019, p.11-12), cujo qual foi imposta uma "cidade planejada e construída a partir de referências culturais europeias" (PEREIRA, 2019, p.11-12).

TERRA, ENXADA E PÁ: INÍCIO DOS TRABALHOS DE CAMPO



“AYA - símbolo de resistência, desafio às dificuldades, força física, perseverança, independência e competência” (IPEAFRO, 2021).



Kilombo Família Souza. Fonte: Léo Tafuri.

No mês de junho aconteceu a primeira visita de vistoria à título de orientação da Gerência de Fomento à Agricultura Urbana (SMASAC) da Prefeitura de Belo Horizonte e do Centro de Referência em Segurança Alimentar - Mercado Popular da Lagoinha (CRESAN-MPL), onde os técnicos representantes dessas instituições tiveram o primeiro contato com o território do Kilombo Família Souza. Considerando o contexto da pandemia do COVID-19, a visita técnica respeitou todas as recomendações de saúde da Organização Mundial da Saúde - OMS e demais instituições competentes.

O encontro ficou marcado para às 10h e começou com um café da manhã coletivo, prática comum e presente no cotidiano dos membros da família Souza. Após um processo de contato e apresentação dos técnicos da Prefeitura de Belo Horizonte e da CRESAN-MPL, Gláucia, Simone e Adélia conduziram a visita pelo território, dando foco aos locais onde já realizam o plantio de variados tipos de plantas condimentares, árvores frutíferas, ervas medicinais, legumes, tubérculos, etc.



Da esquerda para a direita temos Simone, Marcelo, Patrícia e Edglenia. Fonte: Daniel Menezes

Os quilombolas entenderam que as funções desempenhadas por Simone Abranches e Maria Adélia dos Reis no cotidiano do território quilombola é importante para o desenvolvimento das atividades propostas no programa Urbe Urge, portanto, os mesmos deliberaram que seria importante que essas duas mestras quilombolas acompanhassem e orientassem de perto o coletivo durante o desenvolvimento das atividades, sobretudo, para garantir que as atividades desenvolvidas ao longo do projeto estivessem alinhadas aos interesses quilombolas. Simone tem relação com a produção de comida no quilombo e Maria Adélia é a principal responsável pelo plantio e cuidado das hortas presentes no Kilombo Souza.

Durante o processo de vistoria, Edglenia Nascimento, técnica da SMASAC, apontou que apesar de um território impermeabilizado, existem muitos recortes de

terra ao longo do território do Kilombo, o que estimamos que seja algo em torno de 300m² (trezentos metros quadrados) de área permeável, além de ter apontado que para o credenciamento de uma Unidade Produtiva, denominação dada pela própria Prefeitura de Belo Horizonte, é essencial que seja uma produção comunitária compartilhada com mais de 03 núcleos familiares ou casas e uma produção obrigatoriamente livre de agrotóxicos. Todos os pré-requisitos cumpridos pelo Kilombo Souza. Também houve uma abordagem sensível acerca do agroecologista Marcelo, responsável pelo curso de agroecologia da Prefeitura de Belo Horizonte, que abordou a importância do manejo das bananeiras, a circulação do sol sobre o plantio a ser realizado, além das possibilidades de desenvolver as cercas para proteção das plantas.

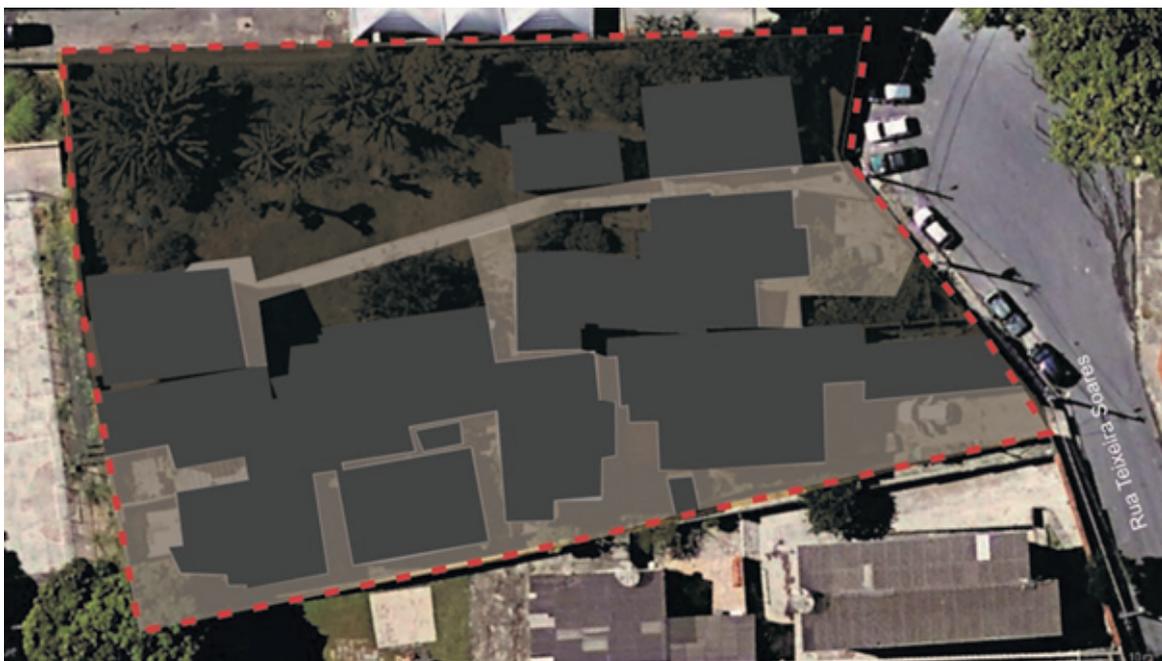


FIGURA-FUNDO DO TERRITÓRIO DO KILOMBO SOUZA. EM VERMELHO A DELIMITAÇÃO DO LOTE, EM CINZA ESCURO TEMOS O EDIFICADO, EM CINZA CLARO OS CAMINHOS/PERCURSOS E EM VERDE ESCURO AS ÁREAS PERMEÁVEIS. Fonte: elaborado sob base do Google Maps, 2020. Daniel Menezes.

Essas observações produziram um certo alívio, uma vez que o território cumpre as prerrogativas principais para ser credenciado enquanto uma **Unidade Produtiva** junto à Gerência de Fomento à Agricultura Urbana, processo que ainda terá seu edital e inscrição disponibilizado, com previsão inicial para acontecer entre julho e agosto de 2021, mas que devido a atrasos no calendário da Prefeitura de Belo Horizonte acabou por ser realizado somente em novembro de 2021. Edglenia aproveitou para sugerir que os quilombolas da família Souza fossem até a Comunidade Quilombola de Mangueiras para conhecerem a Unidade Produtiva que eles desenvolveram, o “**Espaço Germinar Geledés Ewé Mimó**”, em uma espécie de intercâmbio cultural. Visita que foi articulada e aconteceu durante o mês de agosto, que em capítulos posteriores iremos abordar.

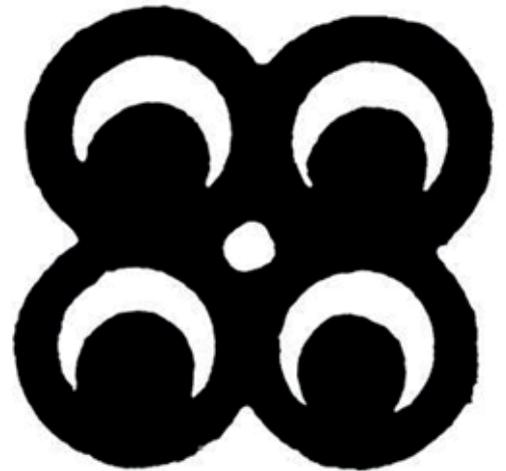
Durante a vistoria de orientação começamos a realizar o processo prévio de mapeamento das espécies disponíveis, sendo notável a quantidade de árvores frutíferas, podendo citar Canela, Limão Siciliano, Pitangueira, Bananeira, Jaqueira, Camu-Camu, Graviola, Mangueira, Abacateiros, Laranjeiras, pés de Amora, Romã e Mexerica.

Gláucia e demais membros da comunidade ressaltaram o desejo de conformar o que eles definiram enquanto um “**Jardim Sagrado**”, que seria um espaço onde reuniram as ervas e plantas ritualísticas e medicinais utilizadas nos cultos e práticas desenvolvidas no Kilombo Souza, que por eles são entendidas enquanto sagradas.

Ficou definido como encaminhamentos principais dessa primeira vistoria: (1) o processo de intercâmbio cultural entre os quilombolas da Comunidade Manguei-

ras e família Souza; (2) o mapeamento de outros membros da comunidade Souza sensíveis à prática da agroecologia e que queiram contribuir com o processo; (3) realização do levantamento das ferramentas disponíveis para trato com a terra (enxada, boca de lobo, pá, rastelo, etc); (4) desenvolvimento de oficina de mapeamento em cartografias sociais e/ou temáticas das prática de plantar e colher no território original e no território atual do Kilombo Souza e (5) definir e propor junto ao Marcelo, técnico representante do Mercado da Lagoinha, oficinas temáticas de sensibilização e introdução a temas como agroecologia, permacultura, etc. Não foram definidas datas para o desenvolvimento das atividades, uma vez que algumas delas dependem do processo de credenciamento do Kilombo Família Souza enquanto uma Unidade Produtiva, já as demais atividades tiveram suas datas definidas em cronograma posteriormente.

O LEVANTAMENTO A PARTIR DO OLHAR DA FAMÍLIA SOUZA



"Ntesiemate Masie - eu ouvi e guardei.
Símbolo da sabedoria, do conhecimento e da prudência" (IPEAFRO, 2021)

O segundo mês do projeto foi sobre entender quais desdobramentos seriam possíveis no programa Urbe Urge, tendo como reflexão as questões suscitadas pelas interlocuções, refletindo que os trabalhos desenvolvidos não poderiam se encerrar na realidade do Kilombo Souza, entendendo que os demais quilombos que tiveram seus territórios ocupados pelo que hoje entendemos enquanto perímetro político de Belo Horizonte poderiam (e deveriam) ser incluídos nas discussões sobre agroecologia, conformando-se assim uma rede de intercâmbios entre quilombos e quilombolas em Belo Horizonte.

A concretização das ações propostas se fará a partir do credenciamento da Unidade Produtiva Território de Tradição, processo assim denominado pela Prefeitura de Belo Horizonte, que ainda terá seu edital disponibilizado. Sendo assim, definimos que é importante antes desse processo o início de discussões ligadas à agroecologia a partir

de oficinas culturais, que permitam um processo de sensibilização e reconhecimento do território e suas potencialidades.

INÍCIO DA CARTOGRAFIZAÇÃO DO PLANTIO NO KILOMBO SOUZA

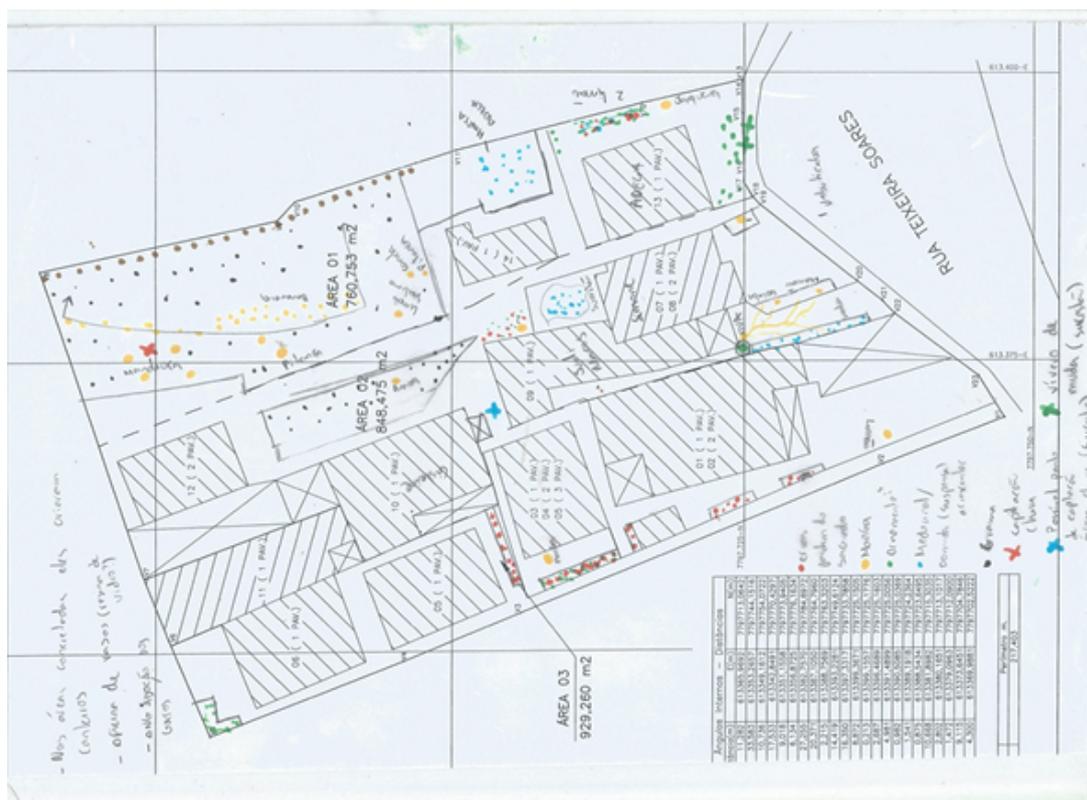
No final de julho realizamos uma nova reunião com o coletivo, onde discutimos aspectos do projeto, mapeamos os locais de plantio já existentes e aqueles que poderiam se conformar enquanto novos locais de cultivo, inclusive os espaços que são cimentados e que poderiam ser ocupados por vasos, jardins verticais e outras soluções mirabolantes à pensar. Discutimos a possibilidade de ocupá-los com hortas suspensas, além da área permeável extensa que também será utilizada no plantio. O objetivo é espalhar essa produção pelo território do Kilombo Souza, fazendo com que essa lógica faça parte do cotidiano direto de todas(os) membras(os) da comunidade, além de ajudar no processo de regulação da temperatura.



Canteiros presentes no Kilombo Família Souza. Fonte: Patrícia Brito

Abaixo temos um croqui desenvolvido a partir de planta de levantamento topográfico, onde membros do coletivo juntamente com membros da família Souza começaram a realizar o mapeamento preliminar de identificação das espécies de plantas presentes no território ancestral, dos canteiros e demais

espaços disponíveis. Neste momento do programa, o coletivo passava por um processo de reflexão sobre como representar a realidade, reconhecendo a limitação e abstração das plantas baixas, que transferem ao plano 2D uma realidade multidimensional e sensorial.



Croqui realizado na oficina de mapeamento das atividades de plantio desenvolvidas no território do Kilombo Souza

A partir das discussões fomentadas pelo mapeamento começaram a aparecer sugestões, tais como a produção de jardins suspensos, a possibilidade de ampliar a captação de água da chuva para utilização nas plantações existentes, processo que já existe mas se mostra insuficiente, além da possibilidade de pensar alternativas para a geração de energia elétrica, tais como as placas fotovoltaicas, tendo em consideração a disponibilização

vastas de lajes no território do Kilombo Souza, proposta e projeto que foi estendido para as demais comunidades quilombolas em Belo Horizonte, que ficaram empolgadas com a possibilidade de economizar algum recurso financeiro através da economia de energia elétrica.

Os membros do coletivo decidiram que o desenho elaborado será discutido e apresentado a todas(os) quilombolas para que eles se tornem

guardiãs(ões), para além das participantes diretas do projeto, Gláucia, Maria Adélia e Simone, aproveitando as potencialidades dos outros moradores, como por exemplo Marco Antônio, que também aprendeu com sua avó, a matriarca Maria de Souza, os segredos das plantas.

Foi importante o debate em torno das questões das plantas sagradas, dos Orixás, ervas medicinais, de forma que a proposta da Prefeitura de Belo Horizonte por meio da Diretoria de Patrimônio sobre os Jardins do Sagrado seja atrelada à proposta do nosso coletivo desenvolvido junto ao Urbe Urge e seja pensado juntamente com o desenho dos novos canteiros de plantação.

Um aspecto que ficou evidente a partir da oficina de mapeamento é que mesmo nas regiões do território em que houve uma impermeabilização do solo existem canteiros, sejam abaixo do nível do solo ou acima do nível do solo, o que denota a necessidade da presença desses espaços permeáveis, de plantio e cura ao longo do território. A partir das discussões apontou-se a possibilidade de semear as plantas sagradas nos quatro pontos cardeais do Kilombo Souza considerando a possibilidade de plantio nesses canteiros já existentes, em um processo de fundamentação e proteção do território.



Integrantes do Coletivo, da esquerda para direita: Simone, Gláucia, Adélia, Patrícia e Daniel durante processo de mapeamento no território do Kilombo Souza







INTERCÂMBIO CULTURAL NO ESPAÇO GERMINAR GELEDÉS EWÊ MIMÓ



“Akoma Ntoaso - os corações ligados ou unidos. Símbolo da comunhão e unidade no pensamento e na ação”
(IPEAFRO, 2021).

A partir da necessidade de colocar os membros do Kilombo Família Souza em contato com as práticas agroecológicas, propomos uma visita a Comunidade Quilombola de Mangueiras, primeira comunidade tradicional a participar da iniciativa de implementação de uma Unidade Produtiva Território de Tradição a partir da SUSAN, Secretaria de Segurança Alimentar e Nutricional, por eles denominado Espaço Germinar Geledés Ewê Mimó, que em uma tradução literal poderia ser entendido como "espaço de mulheres ancestrais dedicado a germinar folhas sagradas".

Participaram da visita de intercâmbio membros da Prefeitura de Belo Horizonte, entre eles Maysa Matias, agrônoma responsável por acompanhar e orientar as atividades junto à Comunidade Mangueiras, Edglenia Lopes Nascimento, representante da SMASAC, membros do Coletivo (Gláucia, Patrícia, Daniel, Maria Adélia e Simone), além de membros da comunidade de Mangueiras, como Ione, Rose e Verônica, que dedicam seu tempo e conhecimento ao cuidado do espaço de germinação de folhas sagradas.



Da esquerda para direita temos: Gláucia, Rose, Daniel, Edglenia, Patrícia, Ione, Simone, Adélia e Verônica.
Fonte: Maysa Matias, 2021.

A partir da necessidade de colocar os membros do Kilombo Família Souza em contato com as práticas agroecológicas, propomos uma visita a Comunidade Quilombola de Mangueiras, primeira comunidade tradicional a participar da iniciativa de implementação de uma Unidade Produtiva Território de Tradição a partir da SUSAN, Secretaria de Segurança Alimentar e Nutricional, por eles denominado Espaço Germinar Geledés Ewê Mimó, que em uma tradução literal poderia ser entendido como “espaço de mulheres ancestrais dedicado a germinar folhas sagradas”.

Participaram da visita de intercâmbio membros da Prefeitura de Belo Horizonte, entre eles Maysa Matias, agrônoma responsável por acompanhar e orientar as atividades junto à Comunidade Mangueiras, Edglenia Lopes Nascimento, representante da SMASAC, membros do Coletivo (Gláucia, Patrícia, Daniel, Maria Adélia e Simone), além de membros da comunidade de Mangueiras, como Ione, Rose e Verônica, que dedicam seu tempo e conhecimento ao cuidado do espaço de germinação de folhas sagradas.



Cultivos do Espaço Germinar Geledés Ewê Mimó.
Fonte: Daniel Menezes, 2021.

A visita à Comunidade de Mangueiras foi um momento de intensa troca, conexão, de se reconhecer no outro e em sua prática e, sobretudo, de aprendizagem sobre os processos agroecológicos desenvolvidas pela comunidade, com possibilidade de trocas de conhecimento, dicas, sugestões e trocas de mudas. A partir desse encontro inicial abriu-se a possibilidade para continuidade desse diálogo e entendimento de demandas comuns e que poderão ser socializadas ou pensadas conjuntamente, germinando uma rede de trocas que não pretende se encerrar na realidade do Kilombo Souza ou da Comunidade Quilombola de Mangueiras.



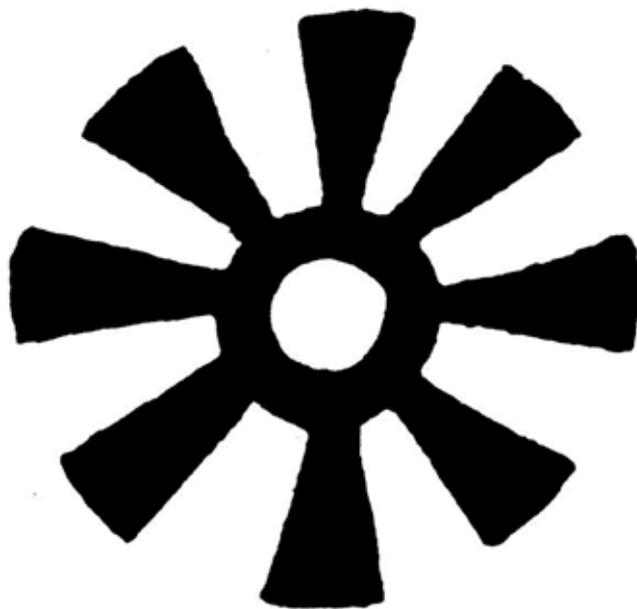
Cultivos do Espaço Germinar Geledés Ewê Mimó.
Fonte: Daniel Menezes, 2021.







**INTERCÂMBIO E TROCAS CULTURAIS:
NARRATIVAS POSSÍVEIS
DAS TECNOLOGIAS ANCESTRAIS
JUNTO AO CERBAMBU**



'Ananse Ntontan" - Símbolo da sabedoria, esperteza, criatividade e da complexidade da vida" (IPEAFRO, 2021).

O nosso coletivo em diálogo com o coletivo Bambu: Teto para vida, participante do programa Urbe Urbe, a partir do mestre bambuzeiro Lúcio Ventania e o CERBAMBU organizaram um encontro para que o Kilombo Família Souza, Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Comunidade Quilombola de Mangueiras e Quilombo dos Luízes visitassem o Centro de Referência do Bambu e Tecnologias Sociais - CERBAMBU/RAVENA, para que conhecessem o centro de referência, entendessem um pouco mais sobre essa matéria prima que apresenta diversas possibilidades, como o bambu. Além disso, foram suscitadas discussões sobre os saberes relacionados ao bambu, sendo esse saber presente também em muitas das atividades culturais e de cultos dos quilombos. Foi através do convite que foram feitas as trocas entre os quilombos e o Cerbambu no sentido de ampliar as possibilidades da manutenção deste saber. Foi uma oportunidade também, do próprio Lúcio e demais colaboradores do CERBAMBU conhecerem os quilombos, suas histórias e trajetórias.

Os quatros quilombos fizeram o processo de mobilização e convite para os

membros da sua própria comunidade, a fim de descobrirem quem e quantas pessoas estariam interessadas e disponíveis em conhecer o CERBAMBU e o processo de artesanania do bambu. A mobilização aconteceu via rede social, o método mais fácil para os quilombolas, e diretamente dentro de cada uma das comunidades. No final, os quatro quilombos conseguiram juntos mobilizar aproximadamente 30 pessoas, das mais diversas gerações e gênero, com destaque para as matriarcas representantes de cada quilombo. Definido a quantidade de pessoas, realizamos o aluguel de um micro-ônibus para realizar a travessia de Belo Horizonte até Ravena.



Membros do Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango aguardando o micro-ônibus. Fonte: Acervo pessoal Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango, 2021.



Encarte utilizado para divulgar a visita no Cerbambu via WhatsApp.

O encontro ficou marcado para acontecer no dia 26 de agosto de 2021, quinta-feira, entre o período de 09:00h às 16:00h. A primeira atividade coletiva desenvolvida foi uma recepção/café da manhã oferecido por Lúcio e demais colaboradores do CERBAMBU. Após o café da manhã, iniciamos a próxima atividade que contou com uma intervenção artística que mesclou pintura e

canto. Enquanto Lúcio pintava, Carol Trindade nos brindou com um belíssimo canto. Caso queira nos acompanhar nessa viagem sonora, basta acessar o áudio através do QR Code abaixo ou buscar por nossos processos na plataforma do Urbe Urge.



Enquanto Carol cantava, o mestre Lúcio pintava um bambuzal.



Lúcio Ventania pintando durante a abertura do encontro

Após o processo de abertura, as matriarcas Makota Kidoiale do Manzo Ngunzo Kaiango e Ione da Comunidade Quilombola de Mangueiras pediram para cantar e louvar seus Nkisis e Orixás, Matamba e Iansã, respectivamente. Ione aproveitou para saudar Ossain, orixá detentor dos conhecimentos acerca das plantas e folhas sagradas. Acesse o QR Code abaixo para ser embalado pelo canto das folhas e os ventos de Oyá.



Da esquerda para direita temos Makota Kidoiale do Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango; Gláucia do Kilombo Família Souza; Ione da Comunidade Quilombola de Mangueiras e Luzia e Júlia do Quilombo dos Luízes



QUILOMBO DOS LUÍZES

Lúcio sugeriu que cada matriarca representante do seu quilombo contasse um pouco sobre sua trajetória. As matriarcas dos Luízes começaram apresentando suas histórias e percepções acerca do CERBAMBU. Nas palavras de Dona Júlia, ao entrar no CERBAMBU ela "sentiu o respiro dos ancestrais". Em seguida, Luzia, outra matriarca do Luízes, pegou a palavra e nos contou que seus avós e bisavós vieram traficados de África trazidos de Cabo Verde e chegaram no então Curral Del Rey por volta do ano 1700. A avó Anna Apolinária, mulher negra escravizada, foi desposada pelo escravocrata Joaquim Luiz, com quem teve filhos nascidos na Mina do Morro Velho em Nova Lima e de onde surgiu o sobrenome Luiz e por Luízes. O Quilombo dos Luízes, atualmente localizado no bairro

Grajaú em Belo Horizonte, teve origem na gleba da Fazenda Calafate e Fazenda das Piteiras, que inicialmente contava com 90.000m², hoje em dia sobrando somente 6.000m², após diversos processos criminosos de ocupação do território do Quilombo dos Luízes.

Segundo Dona Júlia, os Luízes são "negros na cor, na alma e no direito"

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MANGUEIRAS

Em seguida, a mestra lone, tomou a palavra para contar sobre a trajetória da Comunidade Quilombola de Mangueiras.

Ela nos contou que o quilombo foi fundado por Maria Bárbara de Azevedo, que chegou no atual território da comunidade há aproximadamente 320 anos e que atualmente o quilombo se encontra na sexta geração. O território do Mangueiras conta com aproximadamente 19.990m², sendo o território ocupado por 33 famílias. Ione nos contou que desde da fundação do Quilombo seus ancestrais possuem a prática de plantar e colher, agora reavida através do processo de implementação da Unidade Produtiva em Território de Tradição por eles nomeada de Espaço Germinar Geledés Ewé Mimó. No território da comunidade tem o Córrego Lajinha, sub-afluente do Onça, que foi contaminado pelo despejo de esgoto de comunidades próximas ao Quilombo Mangueiras. Há ainda os relatos de que no território há um Terreiro de Candomblé de Nação Ketu, raiz de Axé que teve origem na Casa Branca do Engenho Velho, Capoeira e um grupo percussivo, Filhos de Caninana.

Ione nos brinda como um relato sobre sua experiência de intercâmbio e troca com o CERBAMBU e os demais quilombos. Acesse o Qr Code para escutar o que Ione tem a nos dizer.



Manzo Ngunzo Kaiango

Dona Maria de Lourdes, conhecida como Dona Pingo, se muda para Belo Horizonte em meados da década de 1970, quando veio de Ouro Preto com sua família, onde por muitos anos trabalhou nas Minas dos Queimados. Dona Pingo é

avó de Makota Kidoiale e mãe de Mametu Muiandê, atual matriarca do Kilombu Manzo.

Manzo Ngunzo Kaiango significa "Casa da Força de Iansã"

Kidoiale nos relatou que quem funda o Manzo é o Pai Benedito, um Preto Velho, entidade incorporada por Mametu Muiandê, a partir do desejo de reviver a senzala e os processos de resistências estabelecidos pelas negras e negros a partir dali. Antes do Manzo Ngunzo Kaiango surge a Senzala do Pai Benedito, lugar de acolhimento e família. Atualmente o Kilombu conta com 32 pessoas e diversas outras espalhadas por Venda Nova, Santa Luiza (atual sede do terreiro de candomblé do Manzo) e Santa Efigênia.

Kidoiale reafirma "onde tem terra de Jatobá e bambuzal é terra de kilombu"

Para acessar o relato incrível e super detalhado da Makota Kidoiale sobre a experiência do Manzo no CERBAMBU e aprender um pouquinho mais sobre a história do Manzo e do negro em diáspora acesse o QR Code abaixo.



Kilombo Família Souza

Tivemos a oportunidade de apresentar um pouco da trajetória da Família Souza em outras postagens aqui no processo do Urbe Urge. Enquanto Kilombo-anfitrião, a mestra Gláucia aproveitou para reafirmar sua felicidade em ter o Manzo, Mangueiras e Luízes juntos em uma mesma roda de conversa, discutindo sobre os aspectos importantes para essas comunidades.



E há ainda, o relato daquelas e aqueles que não puderam estar presentes, como nos confidenciou Simone, mestra da Família Souza.



Após todas essas apresentações e a palestra sobre Civilização do Bambu ministrada pelo mestre Lúcio Ventania, ele nos apresentou um projeto-ideia que consistiria na conformação de centros de formação em bambuzeria, ou nas palavras do próprio Lúcio a conformação de bambuzerias-escolas em cada um dos quatro quilombos, através de um processo de formação de seus membros enquanto mestras e mestres bambuzeiras(os). Essa discussão sobre as bambuzerias-escolas foi sendo aprofundada ao decorrer do programa. Adiante para saber mais!



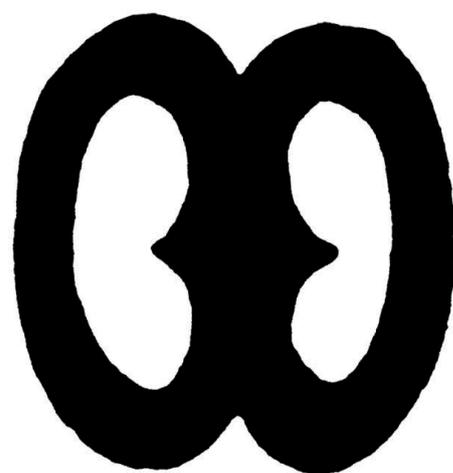








**FABULAÇÕES SOBRE FUTUROS
POSSÍVEIS: O QUE CONSTRUÍ-
MOS ATÉ AQUI? ATÉ ONDE PODE-
REMOS CHEGAR?**



'Nyambe Biribi Wo Soro - símbolo da
esperança e da aspiração" (IPEAFRO,
2021).

O mês de setembro marcou a chegada da metade do processo desenvolvido junto ao Urbe Urge, portanto nos coube refletir sobre o que temos fabricado, imaginado e construído até o momento, para que possamos entender até onde o tempo do projeto nos permitirá ir e o que poderemos construir e edificar a partir de tudo isso.

A partir da interlocução com o artista, curador, designer, ilustrador, comunicador e ativista dos direitos indígenas Denilson Baniwa, produzimos três imagens que orientaram a interlocução junto ao Denilson:

A primeira imagem seria a imagem-referência, de autoria de terceiros, onde apresentamos um projeto análogo, modelo conceitual ou situação que consiga abordar e dizer sobre a emergência climática discutida pelo grupo, neste caso, as questões ligadas a soberania alimentar e nutricional e questões agroecológicas em comunidade quilombolas.

A imagem-referência utilizada foi da horta em mandala desenvolvida no Quilombo Lagoa da Pedra, que se localiza no município de Arraias, no Tocantins.

A Imagem-referência exemplifica um processo de tomada de ganho de soberania a partir da aplicação da tecnologia social da mandala no processo de conformação da horta da comunidade quilombola Lagoa da Prata.

A segunda diz respeito a Imagem-processo, um registro visual desenvolvido pelo Coletivo de Tecnologias Ancestrais, esboço, croquis e esquemas produzido pelo coletivo que contem sobre o processo de desenvolvimento das atividades pelo coletivo até o momento.

Para ilustrar no processo optamos por utilizar a organização tempo-espacial do círculo. Ao centro temos o Adinkra Sankofa, que em uma tradução literal significa algo como "volte e pegue", explicitando a necessidade de olhar para o passado, com os pés fincados no presente, para assim vislumbrar futuros possíveis. Pensando a partir dessa perspectiva, o mosaico se organiza temporalmente no sentido anti-horário, tendo como ponto de partida o que corresponderia no relógio ao horário de 12:00h, para a partir daí ir explicitando cada momento, etapa, discussão e etc, desenvolvida pelo coletivo até metade do programa Urbe Urge.

Segundo o presidente da Associação de Moradores da Comunidade, Ruimar Antônio de Farias, o sistema Mandala contribuiu para a melhoria da qualidade de vida dos moradores. 'Antigamente, a gente quase não comia frutas e legumes, porque para termos acesso a esse tipo de alimento era preciso nos deslocar para comprar na cidade de Arraias. Agora, colhemos as frutas e legumes na hora e isso garante uma melhor qualidade na alimentação da nossa gente, sem contar que tudo é orgânico', afirmou. (LUZ, D. 2021)



IMAGEM-REFERÊNCIA: COMUNIDADE QUILOMBOLA DE TOCANTIS DÁ EXEMPLO DE AUTOSSUSTENTABILIDADE. FONTE: LUZ, DEYDJANE 2021.



IMAGEM-PROCESSO COLETIVO TECNOLOGIAS ANCESTRAIS. FONTE: COLETIVO TECNOLOGIAS ANCESTRAIS, 2021.

Caso queira visualizar a Imagem-processo com melhor qualidade, acesse ao mosaico no QR Code abaixo:



território da Família Souza, a plantação de bambus e o desenvolvimento de práticas culturais diversas, tais como a capoeira

A imagem-síntese em melhor qualidade se encontra disponível aqui:

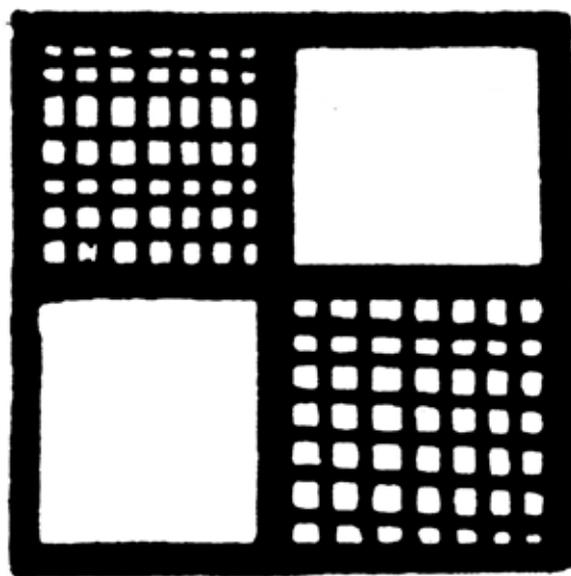


E por fim, a Imagem-síntese, um processo de imaginação de onde poderíamos chegar ao final do desenvolvimento das atividades junto ao Urbe Urge. A imagem-síntese diz respeito ao processo de imaginação e ambições levantadas por nosso coletivo. Para representar essa ambições optamos por uma fotomontagem que usou como plano de fundo o território do Kilombo Família Souza. Na fotomontagem podemos observar a criação de viveres, como as galinhas, a plantação (que seria uma representação abstrata dos anseios pela agroecologia e a busca pela soberania alimentar), a conformação de uma bambuzeria-escola no



IMAGEM-SÍNTESE COLETIVO TECNOLOGIAS ANCESTRAIS. FONTE: COLETIVO TECNOLOGIAS ANCESTRAIS, 2021.

BAMBUZERIAS-ESCOLAS NOS KILOBOS: O CERBAMBU VAI AOS KILOBOS EM BH



"Kuronti Ne Akwamu ou Kontire Ne Akwam" - Símbolo da democracia, da dualidade da essência da vida e da interdependência e da complementaridade" (IPEAFRO, 2021).

O mês de setembro marcou a chegada da metade do Dando continuidade ao exercícios de fabulação apresentados anteriormente, o Coletivo de Tecnologias Ancestrais em diálogo com o CERBAMBU organizou um encontro para que o mestre Lúcio Ventania pudesse conhecer e entender um pouco mais do cotidiano de cada uma das comunidades quilombolas – o Kilombo Família Souza, Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Comunidade Quilombola de Mangueiras e Quilombo dos Luízes –, criando assim um processo de familiaridade e aproximação das discussões sobre o possível processo de implementação das bambuzerias-escolas. Para que esse processo fosse possível foi necessário entender e conhecer melhor a disponibilidade de território em cada uma das comunidades quilombolas, tendo em vista que o contexto e disponibilidade espacial difere de uma comunidade para outra.

Além da mobilização e socialização de aspectos gerais das comunidades quilombolas, o encontro foi momento de discutir as possibilidades que cada território poderia oferecer, as necessidades e disponibilidades de cada comunidade e, sobretudo, os anseios e aspirações em relação ao projeto das bambuzerias-escolas. A partir das conversas, percebemos a necessidade de realizar um processo de levantamento métrico e em alguns casos topográficos das áreas disponíveis para abrigar as sedes das bambuzerias-escolas, além de aprofundar em relação ao diagnóstico geral de cada comunidade quilombola participante, processos que pretendemos desenvolver no próximo ano, já que demandam um certo recurso para serem executados.

Para ilustrar no processo optamos por utilizar a organização tempo-espacial do círculo. Ao centro temos o Adinkra Sankofa, que em uma tradução literal significa

algo como “volte e pegue”, explicitando a necessidade de olhar para o passado, com os pés fincados no presente, para assim vislumbrar futuros possíveis. Pensando a partir dessa perspectiva, o mosaico se organiza temporalmente no sentido anti-horário, tendo como ponto de partida o que corresponderia no relógio ao horário de 12:00h, para a partir daí ir explicitando cada momento, etapa, discussão e etc, desenvolvida pelo coletivo até metade do programa Urbe Urge.

KILOMBO FAMÍLIA SOUZA

Na visita ao Kilombo Souza, o mestre Lúcio pôde conhecer cada parte do território e teve oportunidade de discutir aspectos do cotidiano da família Souza com as mestras Gláucia, Sueli, Simone e Adélia, que relataram sobre a importância de se ter uma bambuzeria-escola no território, além de aproveitar o espaço que será destinado ao futuro Centro Cultural do Kilombo Família Souza. Para cada quilombo ficou definido um tipo de ação segundo as respectivas características de cada território, no caso do Kilombo Souza, a família irá pensar e definir o espaço para uma geodésica em bambu, próximo ao local de implementação da “Unidade Produtiva”, que no futuro poderá abrigar um espaço de exposição dos produtos desenvolvidos na bambuzeria, local de reunião e diálogo no território.





COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MANGUEIRAS

O segundo quilombo a ser visitado foi a Comunidade Quilombola Mangueiras. A ação teve como propósito também analisar o território e entender sua dinâmica, para assim definir um espaço em que a bambuzeria-escola pudesse ser instalada e discutir sobretudo a vocação que o espaço permite. Foi discutido que devido a dimensão do território do Quilombo de Mangueiras, o maior entre os 04 quilombos, o território poderia servir também para a plantação de bambu e poderia

abrigar a maior bambuzeria-escola, em termos de dimensão. Assim como os demais territórios quilombolas, para um melhor entendimento da dinâmica territorial seria necessário o desenvolvimento de levantamentos topográficos e arquitetônicos. Uma das primeiras demandas identificadas é a necessidade de fazer a retirada de entulhos, assim como pensar uma proposta que integre paisagismo natural e presente no território que conta com diversas árvores e arquitetura, respeitando as características ancestrais da Comunidade Quilombola de Mangueiras.





KILOMBU MANZO NGUNZO KAIANGO

O território do Kilombu Manzo foi o terceiro a receber a visita, foi em um dia chuvoso e com poucas condições de acessar até a área livre do território, mas pela visita prévia foi possível pensar estruturas que agreguem a parte superior da edificação com o terreno vago. A visita teve a presença de Mãe Efigênia - Mametu Muiandê, atual matriarca do

Kilombu Manzo, Cássia - Makota Kidoialê e seu irmão, além disso saímos com a proposta de visitar o terreiro de Candomblé do Kilombu Manzo que se localiza em Santa Luzia, onde possui mais disponibilidade de espaço e inclusive poderia servir como local para futura plantações de bambu.



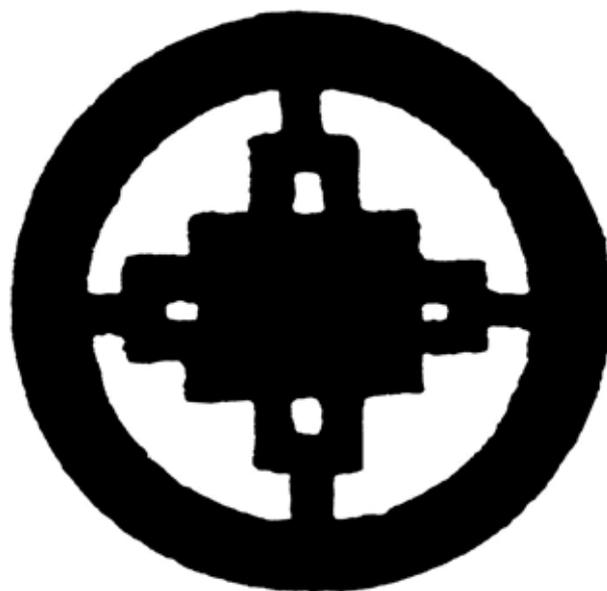
QUILOMBO DOS LUÍZES

A quarta visita realizada aos quilombos foi no território dos Luízes, o acolhimento pelas matriarcas Dona Luzia e Dona Júlia foi com um café coado no fogão à lenha, apresentando a paisagem existente do entorno do território. Após falas e apresentações de fotos antigas de seus ancestrais, foi possível fazer uma caminhada

com Rodrigo, sobrinho das matriarcas, onde ele apontou os lugares possíveis da futura bambuzeria-escola, além de pensar junto conosco qual seria a melhor estratégia para agregar todo o território quilombola. “A comida nos une, a festa nos une” foi nesse intuito que pensamos em encontros futuros e breves para o projeto coletivo.



[1º] ENCONTRO SER-SEMENTES DE TRADIÇÃO



"Damedame" - Quadrados múltiplos do jogo de xadrez. Símbolo da esperteza, inteligência e estratégia" (IPEAFRO, 2021).

A proposta deste evento surgiu como desdobramento das atividades do Programa Urbe Urge 2021 e aproximações possibilitadas entre os diferentes coletivos e interlocutores envolvidos. Nossa proposta é alimentar e fortalecer as conexões que foram se mostrando aparentes entre os coletivos “Mulheres-Sementes: juntando saberes e sabores tradicionais através do Atlântico” que envolve mulheres que vivem em assentamentos na região metropolitana de Belo Horizonte e mulheres que vivem na Ilha do Fogo no Cabo Verde; “Tecnologias Ancestrais: resgate da memória e do conhecimento ancestral acerca do trato com a terra e gestão da água a partir da agroecologia urbana” com foco no fortalecimento e resgate de práticas agroeco-

lógicas desenvolvidas nos quilombos urbanos localizados no atual perímetro político de Belo Horizonte, Kilombu Manzo Ngunzo Kaiango, Comunidade Quilombola de Mangueiras, Quilombo dos Luízes, tendo como anfitrião das discussões a liderança Glaucia do Kilombo Família Souza; e “Mapeamento colaborativo das práticas do coletivo Romzã”, formado por agricultoras e agricultores indígenas da etnia Xakriabá que vivem no norte do estado de Minas Gerais; e a interlocutora indígena Jerá Guarani, agricultora e liderança da etnia Guarani Mbya na Terra Indígena Tenondé Porã, no extremo sul de São Paulo.



Imagem do encontro para definição do 1º ENCONTRÃO, onde participaram Patrícia, Daniel, Gláucia e Simone (Coletivo Tecnologias Ancestrais), Gabriela (Coletivo Mulheres Sementes) e Zeza e Rebeca (Mapeamento Colaborativo Romzã).

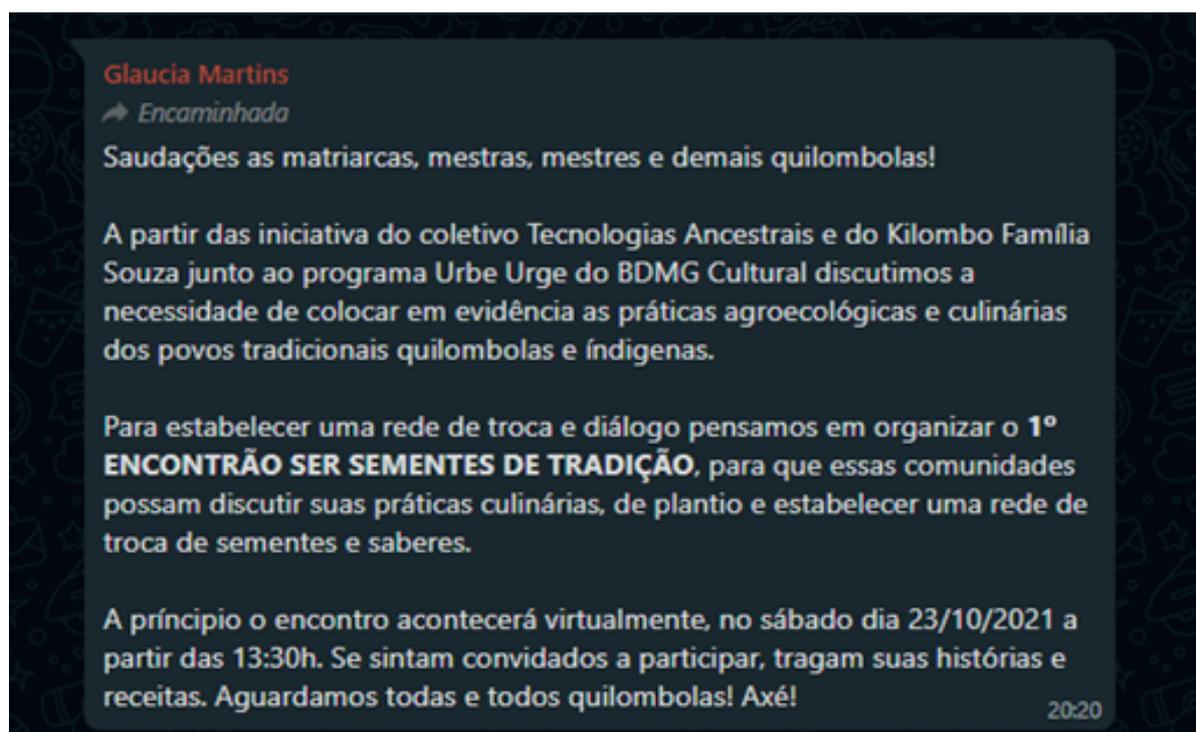
A aproximação entre estes coletivos e Jerá foi sentida a partir da centralidade da SEMENTE. Jerá Guarani foi a primeira interlocutora do programa Urbe Urge 2021 e durante sua interlocução a importância das sementes crioulas (milho, batata-doce, entre outras) e o seu resgate apareceu constantemente em seu discurso durante sua interação com os coleti-

vos, como ferramenta de conexão, criação de relações, fortalecimento cultural e trocas de conhecimentos e experiências. Para as Mulheres-sementes, o protagonismo das sementes vem desde o nome escolhido para o coletivo, passando pelo ponto de ligação inicial por meio do feijão pedra (também conhecido como feijão lab-lab), utilizado no Brasil apenas

como adubação verde, e no Cabo Verde como o grão do principal prato da culinária do país, a Catxupa. Para os quilombos do coletivo Tecnologias Ancestrais, as sementes são lugar de fortalecimento, de luta e de resgate de uma prática que era desenvolvida anteriormente por seus ancestrais. Para o coletivo de agricultores indígenas Xakriabá, semente é o significado da palavra Romzâ na língua nativa Akwen, é lugar de tradição e resistência de cultura de gente e cultura de planta, como o milho crioulo, os diversos feijões, as manivas de mandioca entre tantas outras sementes de força. Assim, falar de semente para estes coletivos é falar de

vida, resistência, tradição, é buscar por alianças que contribuam para as suas lutas específicas e coletivas, é agir frente ao que Urge nas distintas Urbes.

A partir das discussões entre os três coletivos, foram pensadas estratégias de divulgação e engajamento dos demais convidados de interesse. Considerando o potencial de comunicação do WhatsApp para as comunidades quilombolas, Gláucia ficou responsável por entrar em contato e encaminhar a mensagem de convite.



Gláucia Martins
➔ Encaminhada

Saudações as matriarcas, mestras, mestres e demais quilombolas!

A partir das iniciativas do coletivo Tecnologias Ancestrais e do Kilombo Família Souza junto ao programa Urbe Urge do BDMG Cultural discutimos a necessidade de colocar em evidência as práticas agroecológicas e culinárias dos povos tradicionais quilombolas e indígenas.

Para estabelecer uma rede de troca e diálogo pensamos em organizar o **1º ENCONTRO SER SEMENTES DE TRADIÇÃO**, para que essas comunidades possam discutir suas práticas culinárias, de plantio e estabelecer uma rede de troca de sementes e saberes.

A princípio o encontro acontecerá virtualmente, no sábado dia 23/10/2021 a partir das 13:30h. Se sintam convidados a participar, tragam suas histórias e receitas. Aguardamos todas e todos quilombolas! Axé!

20:20

O Kilombo Família Souza através do Projeto Urbe Urge do BDMG Cultural convida os quilombos em BH para participarem do

1º ENCONTRO SER SEMENTES DE TRADIÇÃO

23/10 às 13:30h
encontro virtual no sábado



E após a realização de todos os convites, foi elaborada uma mensagem final com data e horário definida para o encontro:

Boa tarde pessoal!

🌿 A agricultora e liderança **Jerá Guarani** da Terra Indígena Tenondé Porã, o **coletivo Tecnologias Ancestrais** representado pelo Kilombo Família Souza em diálogo com o Quilombo dos Lufzes, Kilombu Manzo Ngunzo Kaiango e Comunidade Quilombola de Mangueiras*, o **coletivo Romzã** (Associação de Agricultores e Agricultoras Familiares Xakriabá) e o **coletivo Mulheres Sementes** (agricultoras do MST/Brasil e da Ilha do Fogo/Cabo Verde) convidam para o **"1º Encontro Ser Sementes da Tradição"** que acontecerá virtualmente no próximo *sábado, dia 23/10 às 13:00 Brasil / 15:00 Cabo Verde*.

🌻 Conversaremos sobre as práticas agroecológicas e culinárias dos povos tradicionais indígenas e quilombolas, sobre o protagonismo das mulheres e a juventude.

Pretendemos criar uma rede de troca de sementes e saberes!



Tragam suas histórias, receitas e sementes

Sábado, 23 de outubro, 13h no Brasil / 15h no Cabo Verde

16:32

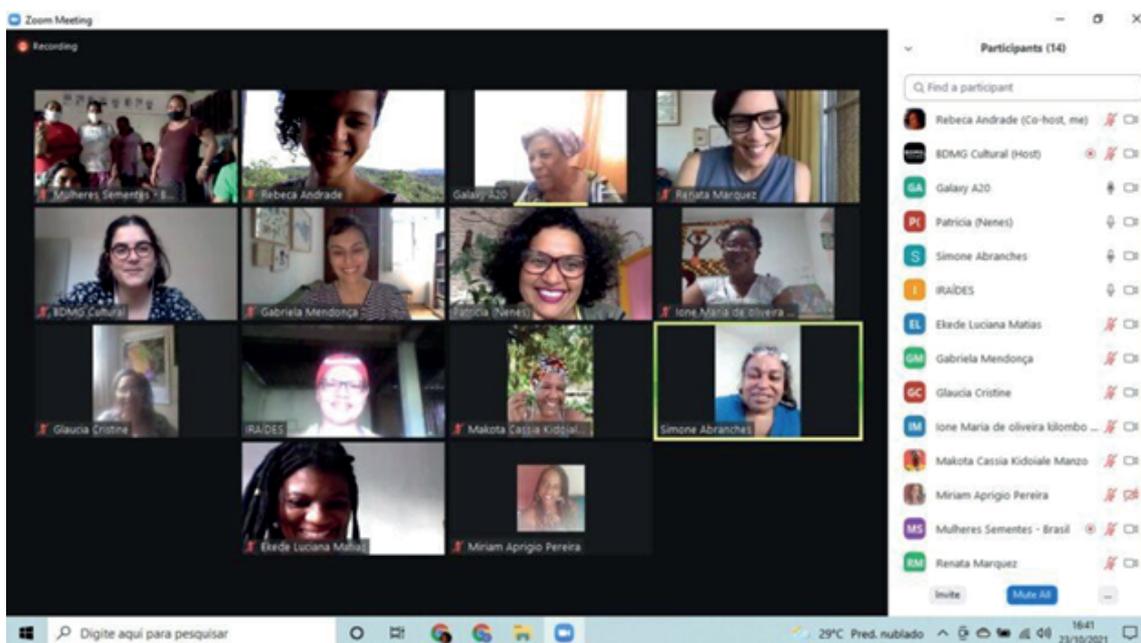
O GRANDE DIA

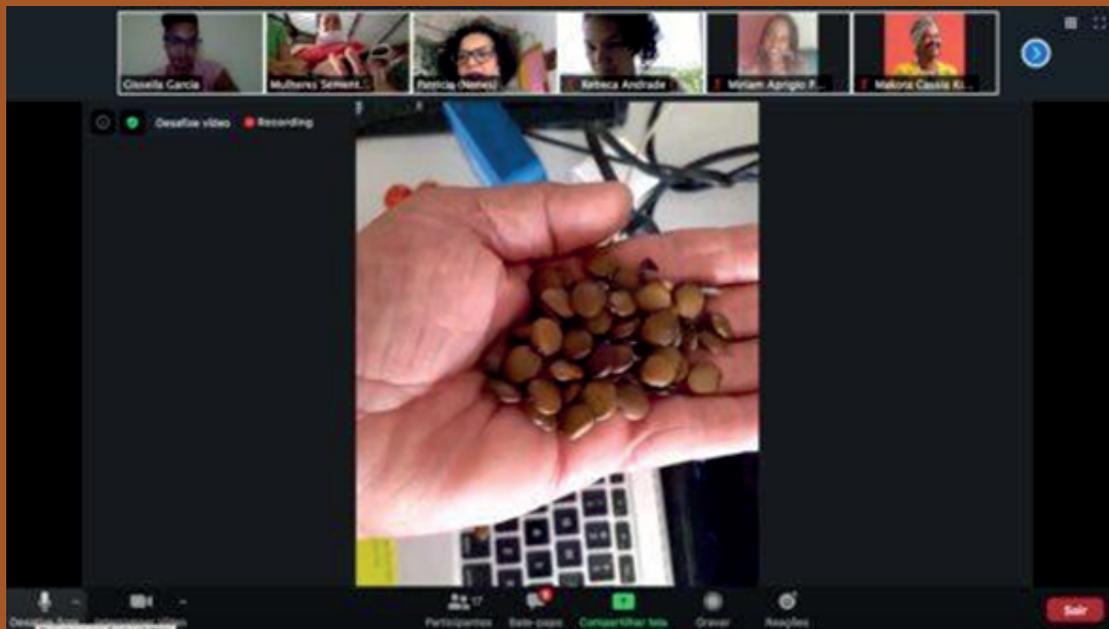
As discussões foram intensas, com muito aprendizado e compartilhamento do cotidiano próprio de cada comunidade participante. Caso queira assistir ao vídeo do encontro na íntegra basta acessar o QR Code abaixo:



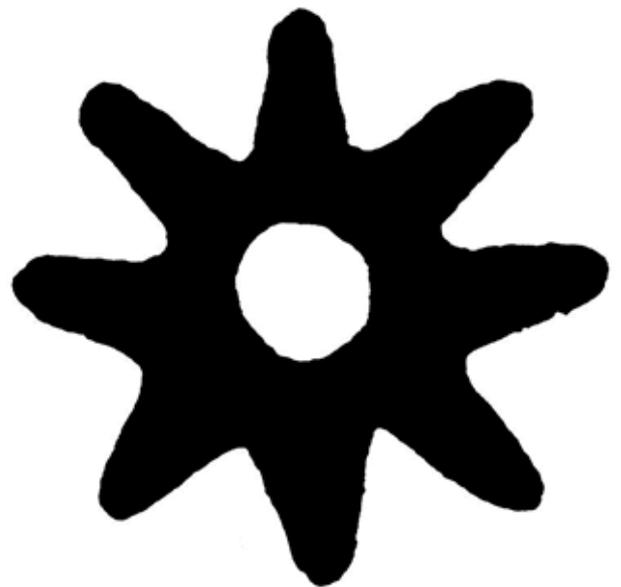
A discussão durante o processo foi uma grande troca de conhecimentos, o que proporcionou uma espécie de "feira virtual", todas as mulheres presentes diziam de sua necessidade e de sua força na organização cultural e social pelo viés dos plantios. Foi a partir deste debate inte-

gradador que quilombos de Belo Horizonte, incluindo o Quilombo Família Matias, que está em processo de estudos para certificação via Fundação Cultural Palmares e outras políticas estatais, apontaram suas necessidades de trocas. Os desdobramentos foram diversos, o primeiro deles foi a própria troca de como chegariam as sementes entre os participantes. A proposta será de forma orgânica e participativa, com estratégias de pessoas mensageiras para levar e trazer as sementes. Definiu-se como estratégia fazer o Kit-Sementes que deverá chegar primeiramente das Mulheres Sementes, mulheres assentadas do MST - Movimento Sem Terra, para assim distribuir aos quilombos de Belo Horizonte. E posteriormente fazer com que as sementes daqui cheguem a Cabo Verde via as Mulheres da Ilha do Fogo, envolvidas pelas Mulheres-sementes do programa Urbe Urge, pensando as estratégias de trazer as sementes da indígena Jerá Guarani de São Paulo.





JARDIM DO SAGRADO NO KILOMBO SOUZA



"Nsoromma" - Filha do céu. Símbolo da fé, da lealdade e da honra de servir ao Ser Supremo." (IPEAFRO, 2021).



A partir das discussões sobre implementação e resgate das práticas agroecológicas no Kilombo Família Souza, apareceu a pauta e a necessidade de discutir sobre as ervas ritualísticas e medicinais, portanto, membros da família Souza entenderam como importante estabelecer o resgate do plantio de tais ervas, seja para fundamentação espiritual do território e proteção, para uso medicinal ou mesmo ritualístico.

A Prefeitura de Belo Horizonte, através da Fundação Municipal de Cultura - Departamento de Patrimônio Cultural e Funda-

ção de Parques Municipais e Zoobotânica, foi responsável pela doação das mudas plantadas no Jardim Sagrado do Kilombo Família Souza. A PBH doou 19 mudas: Folha da Riqueza, Erva Doce, Alecrim do Campo, Calêndula, Quitoco, Mirra, Capeba, Lágrima de Nossa Senhora, Capim Limão, Arruda, Colônia, Macaé, Hortelã, Manjeriçã, Manjeriçã roxo, Dólar, Alecrim da Horta, Algodão e Girasol.



Mesa com alguma das sementes doadas para a família Souza.



As atividades e a oficina para realização do plantio do Jardim Sagrado foram oferecidas pela engenheira agrônoma Maysa Mathias, Monaksuadeua. Para fundamentação espiritual do território, a família Souza optou por realizar o plantio das ervas sagradas em três canteiros distintos espalhados pelo território do Kilombo Souza. Além do processo de plantio, Maysa auxiliou e discutiu processos de cuidado, de rega, função e uso de algumas ervas medicinais, como evitar e tratar pragas, etc, em um processo de interlocução e troca com o conhecimento que os membros da família Souza participantes das atividades já possuíam. Importante ressaltar que a Maria Adélia é a guardiã das sementes e mudas que chegam ao Kilombo Souza, ela já possui um viveiro no quintal de sua casa e ressalta a importância dos aprendizados com sua mãe e avó e a antiga matriarca do Kilombo Souza, Dona Maria de Souza, avó de Gláucia e Simone, todas participantes do projeto Urbe Urge.



Após o tratamento do solo, é realizado o processo de desenvassar as mudas.



Antes de iniciar o processo de plantio é importante que seja realizado um processo de tratamento do solo que irá receber as novas mudas, remexendo o mesmo com o auxílio de uma enxada e adicionando adubo ou terra, quando necessário.





Após o processo de desenvase, é cavado o buraco onde será introjetada a muda, também conhecido como berço. O torrão de terra contendo a muda é transferido para o solo, coberto novamente de terra e regado.

Esse processo é realizado dando leves batidas para que o solo compactado dentro do recipiente de armazenamento da muda solte e seja possível extrair a muda e transferi-la para o novo local de plantio.



Após a rega, orienta-se que seja colocado algum tipo de cobertura no solo, para que evite a perda de umidade. Neste caso, foi utilizado palha para cumprir a função de cobertura vegetal.











A partir da oficina de montagem do Jardim do Sagrado no Kilombo Família Souza, sentimos a necessidade de mapear e registrar quais os possíveis usos ou função poderiam ter as plantas e ervas medicinais agora plantadas no território da comunidade, para que sirva mais como um registro para que demais pessoas possam acessar e menos como uma manual de cura.

Lembrando que não se trata aqui de indicação de tratamento médicos, mas de reunir informações sobre a utilização que comunidades tradicionais fazem das ervas, seja para tratamentos medicinais ou para usos ritualísticos e religiosos. O uso indiscriminado e sem orientação, ao invés de ajudar pode prejudicar a saúde. Sempre que possível busque acompanhamento e orientação médica.

Alecrim do campo (*Baccharis dracunculifolia*)



O Alecrim do campo é uma planta associada ao culto de Oxum, Orixá que reina sobre as águas doces, senhora da riqueza e da fertilidade. Para além da sua utilização ritualística, em banhos ou outros processos, possui uso medicinal com ação diurética, relaxante, auxílio no trânsito intestinal, com forte potencial antioxidante e redução da glicemia e combate da diabetes. Já o Alecrim da Horta (*Rosmarinus officinalis*) é também associado à

memória. O chá de alecrim é o método mais comum para consumo dessa erva. O chá é preparado a partir da fervura de ramos de folhas secas em água, que devem descansar em infusão por 15 minutos antes de ser consumido. A planta deve ser cultivada em locais ensolarados e sem muita umidade, se adaptando bem em hortas e sem útil no processo de repelir pragas e insetos.

Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado
Foi meu amor
Que me disse assim:
Que a flor do campo
é o alecrim.

Algodão (*Gossypium herbaceum*)



O Algodão é uma planta subtropical e presente no mundo todo. Suas propriedades medicinais geralmente se relacionam às questões ligadas ao útero e ao sistema urinário. O chá da folha de algodão é diurético e ajuda a regular o ciclo menstrual. Além disso tem propriedades relaxantes, analgésicas e cicatrizantes, sendo utilizado inclusive para tratar dores de ouvido.

Arruda (*Ruta graveolens*)

Arruda (*Ruta graveolens*)



Arruda é uma planta que geralmente se associa a processos de proteção, devido sua capacidade de limpar e purificar os ambientes. Por isso é uma folha sagrada para as comunidades quilombolas e não somente. A Arruda é utilizada em diversas simpatias, defumações, benzimentos e banhos para afastar energias negativas. Em processos de busca de proteção é comum que se pendure ramos de Arruda em portais ou cômodos específicos, ou que se coloque ramos de Arruda embaixo do colchão. Já do ponto de vista medicinal, possui em sua composição propriedades que ajudam na atividade do sistema circulatório, o que ajuda a melhorar a circulação sanguínea e problemas circulatórios como os de varizes; no processo de sintetização de vitamina C. O uso interno de Arruda precisa ser feito com precaução, já que o consumo em quantidade excessivas podem causar intoxicação.

Calêndula ou Margarida (*Calendula officinalis*)



A Calêndula ou Margarida, possui propriedades anti-inflamatórias e suas folhas amarelas possuem propriedades cicatrizantes, ajudando no processo de aceleração da cicatrização de queimaduras, trata e previne acne e alivia sintomas de psoríase. Ajuda a fortalecer a imunidade, previne cólicas menstruais e tem propriedades calmantes e relaxantes. A Calêndula gosta de climas quentes e ensolarados. No processo de colheita e beneficiamento é importante que as flores sejam colhidas totalmente abertas e que sequem bem, pois podem conter ovos de insetos.

Cânfora (*Cinnamomum camphora*)



A cânfora pode ajudar no tratamento de problemas cardíacos e neurológicos, dores musculares, contusões, reumatismos e feridas. A planta também possui propriedades descongestionantes e sedativas. Seu uso pode acontecer através de seus ramos, folhas e raízes, que podem ser utilizados para produzir chás, infusões ou emplastros, como são as pomadas.

Caieba (*Pothomorphe umbellata*)



Fonte: Green Me Brasil, 2021.

A Capeba (ou pariparoba) é uma planta medicinal originária das Américas que tem alto teor de substâncias antioxidantes, anti-inflamatórias e diurética, possuindo propriedades que ajudam a tratar inflamações na bexiga, prisão de ventre e insuficiência hepática.

Capim limão ou capim santo (*Cymbopogon citratus*)



O Capim limão recebe esse nome porque suas folhas ao serem cortadas expelem um aroma que lembra o da fruta limão. A planta é rica em propriedades antioxidantes, que podem resultar em diversos benefícios para a saúde. Possui propriedades que ajudam a melhorar a digestão e tratar alterações estomacais, devido a sua ação bacteriana; sua ação analgésica ajuda a tratar dores de cabeça e musculares; ajuda a regular o colesterol e conseqüentemente a saúde do coração. Seu consumo pode ser feito a partir de chás, compressas para dores, ou ainda, aromaterapia, que ajuda a aliviar sintomas da gripe, como tosse, asma e exceções de secreções.

Cuia mansa



Cuida mansa também é uma folha associada ao orixá Oxum. Pode ser utilizado no processo de tratamento do sistema respiratório.

Dólar em pencas



Essa planta geralmente está associada a ganhos financeiros, como seu nome bem sugere. As crendices populares dizem que essa planta é capaz de atrair boa sorte, melhorar o campo financeiro e gerar fortuna na vida de quem a cultiva. Há diversas simpatias direcionadas para propósitos específicos: ter fartura em casa, não ter problemas com dinheiro, multiplicar os ganhos, atrair dinheiro, conquistar promoção no trabalho e ter bons resultados no trabalho.

Erva-doce (*Pimpinella anisum*)



Fonte: Paula Rodrigues, 2021.

Erva-doce é utilizada comumente como chá e ganha a graça de seus usuários devido seu sabor adocicado e o aroma intenso e agradável. Além do uso recreativo, a erva-doce tem funções medicinais que combatem doenças relacionadas ao trato intestinal e estômago, como gastrite, má digestão e gases. Devido às propriedades analgésicas e anti-inflamatórias seu chá também é utilizado contra dores de cabeça. É necessário ter cuidado para não confundir erva-doce com funcho ou anis estrelado, que são plantas medicinais com outras propriedades.

Funcho (*Foeniculum vulgare*)



O Funcho costuma ser confundido com erva-doce e tem ampla utilização na culinária, a perfumaria, é utilizada como aromatizante de bebidas, além de seu uso medicinal amplo. A planta possui vitaminas do tipo A, C e do complexo B, dentre outros sais minerais. O Funcho tem função expectorante, auxílio no relaxamento de músculo e possui propriedades que tratam doenças do trato digestivo, como dores, má digestão, facilitando o processo de absorção de alimentos pelo estômago.

Girassol (*Helianthus annuus*)



Fonte: Wikipédia, 2021.

O Girassol é uma planta anual e seu cultivo se deve muito pela produção do óleo de girassol e de seus frutos comestíveis, além do seu aspecto estético que fala por si só.

Hortelã (*Mentha spicata*)



Fonte: Pixabay, 2021.

A hortelã possui ampla utilização, que passa pela culinária, medicina e cosméticos. O frescor próprio de suas folhas é sempre bem-vindo em sucos, chás e outros tipos de receitas culinárias. A hortelã ajuda a melhorar a digestão e diminuir o enjoo, sendo uma boa pedida o seu consumo após as refeições. Tem também propriedades analgésicas e anti-parasitárias, ajudando a combater alguns tipos de parasitas, como a amebíase e a giardíase. Combate a congestão nasal e sintomas associados a resfriados, como tosse. O Hortelã gosta de lugares ensolarados, com solo fértil e úmido.

Macaé ou Rubim (*Leonurus sibiricus*)



Fonte: Que Planta é Essa?, 2021

Macaé é uma planta de origem asiática de fácil proliferação e que adaptou-se muito bem ao clima e solo brasileiro e que geralmente passa despercebida nos jardins. A planta possui um componente anti-inflamatório natural, o chamado flavonóide, que ajuda na prevenção do envelhecimento e possui ação cicatrizante e antioxidante. Costuma-se produzir as garrafadas com macaé, um processo de extração de seus componentes a partir do álcool, como por exemplo, a cachaça, e é utilizado para tratar inflamações e torções.

Mirra (*Commiphora myrrha*)



É uma planta medicinal que possui propriedades anti-sépticas e anestésica, o que possibilita seu uso no tratamento de dores de garganta, inflamações na gengiva e infecções de pele, como a acne. Seu uso pode ser feito através da resina, óleo essencial ou tintura. alimentos pelo estômago.

Manjericão e Manjericão roxo (*Ocimum basilicum*)



Fonte: Pixabay, 2021.

O Manjericão tem utilização na culinária, na produção de sucos e chás. O chá de manjericão tem propriedades sedativas, sendo bem vindo em situações de baixo estresse ou insônia. O chá de Manjericão é indicado também para tratamento de tosse, cólicas menstruais, vômitos, diarreia e má digestão. E por fim, o Manjericão possui propriedades que ajudam a estimular a produção de leite materno. O Manjericão gosta de locais ensolarados e úmidos.

Saião



O Saião tem seu uso medicinal direcionado para o tratamento dos problemas estomacais, seja dor de estômago ou indigestão. O Saião possui ainda efeitos anti-inflamatórios, antimicrobiano, anti-hipertensivo e cicatrizante. O seu uso se dá principalmente a partir de chás (preparados a parte da fervura das folhas picadas), sucos, pomadas e infusões. É bastante utilizado no processo de tratamento de lesões na pele. É comumente utilizado no tratamento de pequenos cortes ou feridas na pele. O que se costuma fazer é colocar diretamente a folha limpa sobre o

machucado, como forma de tratar possíveis infecções e ajudar no processo de estancamento do sangue e cicatrização.

Quitoco (Pluchea Sagittalis)



Quitoco é uma folha associada a Omolu, orixá de terra, que reina sobre as dimensões da saúde, da cura e da peste. Quitoco é uma planta medicinal utilizada para tratamento e prevenção de problemas gastrointestinais, doenças respiratórias, como catarro e tosse. O Quitoco possui propriedades digestivas e expectorante. Seu consumo se dá geralmente pela infusão e chás produzidos a partir de suas folhas.

**CRENCIAMENTO DO KILOMBO
FAMÍLIA SOUZA E KILOMBU
MANZO NGUNZO KAIANGO COMO
UNIDADES PRODUTIVAS**



"Fi-Hankra" - Símbolo da proteção, segurança, fraternidade e solidariedade" (IPEAFRO, 2021).

Para ilustrar a etapa final do nosso coletivo junto ao programa Urbe Urge 2021, usamos o adinkra Fi-Hankra, que expressa sentimentos de proteção, fraternidade e solidariedade, um dos principais sentimentos que nos moveram no processo de construção dos diálogos juntos e a partir de cada comunidade quilombola, acreditando que a coletividade sempre pode mais e que juntos conseguimos seguir adiante.

Apesar dos desencontros que nos levaram somente a poder realizar o credenciamento dos quilombos como Unidade Produtiva no final do programa, entendemos que esse desacerto foi o que nos permitiu lograr outros processos igualmente ricos. Finalizamos nossa passagem pelo Urbe Urge pelo começo, ou talvez, só estejamos experimentando a circularidade do tempo, aquele que é espiralar, não contínuo.

Para participar do processo de credenciamento e implantação de uma unidade produtiva, a proposta precisa apresentar alguns pré-requisitos, segundo informação contida no site da Prefeitura de Belo Horizonte:

- Mobilização do grupo - Entende-se por mobilização 3 ou mais famílias interessadas no projeto de implantação de Unidade Produtiva. Famílias, ou núcleos familiares, são constituídas por pessoas que residem sob o mesmo lar;

- Área de Cultivo - O grupo poderá indicar uma área de interesse no

município de Belo Horizonte, ou selecionar uma das áreas disponibilizadas no formulário. No caso de propostas em terrenos que não sejam de propriedade da Prefeitura de Belo Horizonte, a autorização de uso do proprietário deverá ser apresentada no momento da inscrição.

- Compromisso - O Coletivo interessado deve se comprometer a participar de todas as atividades exigidas para implantação de unidades produtivas.

O processo de credenciamento de uma Unidade Produtiva de tradição junto ao Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional (SUSAN), por meio da Gerência de Fomento à Agricultura Familiar e Urbana (GEFAU) possui três etapas:

(1) Inscrição das demandas: envio do formulário

A primeira etapa é a de inscrição via formulário e envio de documentação comprobatória. Nesta etapa se indica uma pessoa referência da comunidade, explicita condições do território, como a metragem quadrada e se a comunidade já possui algum tipo de experiência com plantio.

(2) Seleção - Análise documental e pré-classificação

As demandas recebidas serão avaliadas pela equipe técnica da SUSAN, a partir da análise preliminar das informações e documentações enviadas, a equipe técnica

pontuará cada solicitação a partir dos seguintes critérios: (1) área do terreno, (2) se já possui cultivada ou experiência com cultivo, (3) número de famílias participantes, (4) participação de população cadastrada no Cad. Único, (5) participação de população cadastrada no Cad. Único em situação de pobreza ou extrema pobreza, (6) participação de população cadastrada no Cad. Único que possui crianças entre 0 e 10 anos em sua composição familiar, (7) número de participantes mulheres, (8) número de participantes autodeclarados negros e/ou indígenas, (9) participação de Comunidades ou Territórios de Tradição (Povos Indígenas, Quilombolas, Terreiros de Matriz Africana, Congados), (10) população em situação de rua, (11) proposta em área pública municipal, (12) existência de ação coletiva, associativismo ou organização formal do grupo (estatuto/regimento, atas, registros fotográficos, etc.) e (13) existência de outra entidade parceira apoiando a implantação (convênios, apoio material, cessão de área, etc.)

(3) Habilitação - Vistoria e classificação final

Após o processo de pré-classificação é realizada a última etapa que consiste em uma visita técnica de vistoria, para confirmação se as informações enviada são verdadeira e se o território cumpre os requisitos mínimos para implementação da Unidade Produtiva, tais como Incidência solar; Indicadores de

qualidade do solo (cor, vegetação, declividade, drenagem, análise visual da compactação, textura e outros); Presença de recursos hídricos.

Infelizmente, por motivos pessoais, o Quilombo dos Luízes optou por não participar do processo de credenciamento no momento, deixando esse processo para uma outra oportunidade no futuro. A previsão é que a divulgação do resultado das Unidades Produtivas habilitadas e sua implementação ocorra em fevereiro de 2022, sendo assim, para além da Comunidade Quilombola de Mangueiras, a primeira Unidade Produtiva de Tradição credenciada, a expectativa é que Belo Horizonte ganhe mais duas unidades produtivas, a do Kilombo Souza e do Manzo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o mais importante foi nosso processo, principalmente pela diversidade dos desdobramentos que os processos de interlocução, dialógico e trocas que foram realizadas durante todo o programa Urbe Urge: resposta à emergência climática. Por fim, conseguimos mobilizar mais processos do que imaginávamos que seria possível, extrapolando a proposta inicial que circulava em torno da implementação de uma Unidade Produtiva, projeto da Prefeitura de Belo Horizonte, que fomenta processos agroecológicos em Belo Horizonte, e pretendeu ser desenvolvida a partir da formação e trocas entre saberes da tecnologia ancestral e contemporâneas, a considerar os princípios técnicos dos seus ancestrais, no território do Kilombo Família Souza.

Em um processo sempre horizontal e dialógico, o Kilombo Família Souza experimentou um processo de troca com as demais comunidades quilombolas localizadas no perímetro urbano do que hoje entendemos enquanto a cidade de Belo Horizonte: Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Comunidade Quilombola de Mangueiras, Quilombo dos Luízes, e por fim, o Quilombo Matias, ainda em processo de certificação junto a Fundação Cultural Palmares.

O processo ainda permitiu o diálogo entre os quilombolas do Kilombo Souza e a artesanaria da bambuzeira, experimentado em um processo de trocas com o mestre Lúcio Ventania e o Centro de Referência

do Bambu e Tecnologias Sociais - CERBAMBU/Ravena, o que acabou por consolidar um desejo dos quilombolas de aprenderem um pouco mais sobre essa artesanaria e implementar junto ao Lúcio Ventania bambuzerias-escolas em cada um destes quilombos.

Houve o bate-papo idealizado a partir de três coletivos participantes do programa Urbe Urge, o coletivo do "Mapeamento colaborativo das práticas do ROMZÂ - Coletivo dos Agricultores e Agricultoras Familiares Indígenas Xakriabá", "Mulheres-sementes: Juntando saberes tradicionais através do Atlântico" e o nosso coletivo "Tecnologias ancestrais: resgate da memória e do conhecimento ancestral acerca do trato com a terra e gestão da água a partir da agroecologia urbana", onde experimentamos um processo de diálogo com as comunidades indígenas Guarani, a partir da interlocutora Jerá Guarani, os Xakriabás a partir de Zeza, mulheres da Ilha do Fogo em Cabo Verde, integrantes do MTST e os quilombolas.

E por fim, como atividade final do processo de credenciamento dos quilombos Manzo Ngunzo Kaiango e do Kilombo Família Souza enquanto Unidade Produtiva de Tradição.

Fica o entendimento, a partir das palavras de Gláucia, mestra quilombola e uma das integrantes do coletivo de Tecnologias Ancestrais, que as sementes que foram plantadas agora responderão no futuro, que esperamos que seja breve, as ques-

tões climáticas tão urgentes no nosso cotidiano.

Caso queira saber mais de nossos desdobramentos futuro, esperamos que haja desejo de nos acompanhar nas redes sociais do Kilombo Família Souza, onde iremos publicar o passo-a-passo das próximas atividades. Basta acessar o QR Code abaixo.



Nos vemos em breve! Modupé.
Gláucia, Patrícia, Daniel, Simone e
Adélia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade. Írín Afrika: A mensagem subliminar esculpida em antigos portões. <<https://ceert.org.br/noticias/afrika/11650/irin-afrika-a-mensagem-subliminar-esculpida-em-antigos-portoes>> Acesso em 02 de dezembro de 2021.

DEYDJANE, LUZ. Governo do Estado de Tocantins. Comunidade Quilombola do Tocantins dá exemplo de autossustentabilidade. <<https://www.to.gov.br/secom/noticias/comunidade-quilombola-do-tocantins-da-exemplo-de-auto-sustentabilidade/2hdsks90jpo>> Acesso em 20 de setembro de 2021.

ESCOLA DE BOTÂNICA. Capim-limão: uma planta de muitos nomes. <<https://www.escoladebotanica.com.br/post/capim-limao>> Acesso em 03 de dezembro de 2021.

GREEN ME BRASIL. Capeba, o chá para combater a cistite e não só. Veja como usar!; <<https://www.greenmebrasil.com/usos-beneficios/6628-capeba-cha-beneficios/>> Acesso em 09 de dezembro de 2021.

IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Dossiê para registro do Kilombo Família Souza, localizado no município de Belo Horizonte. 2021.

Instituto de Pesquisas e Estudos

Afro-brasileiro - IPEAFRO. Adinkra Ntesiemate Masie. <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/>> Acesso em 29 de julho de 2021.

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiro - IPEAFRO. Adinkra Akoma Ntoaso Masie. <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/>> Acesso em 10 de agosto de 2021.

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiro - IPEAFRO. Adinkra Ananse Ntontan. <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/>> Acesso em 21 de setembro de 2021.

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiro - IPEAFRO. Adinkra NYAME BIRIBI WO SORO. <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/>> Acesso em 21 de setembro de 2021.

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiro - IPEAFRO. Adinkra Damedame. <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/>> Acesso em 12 de novembro de 2021.

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiro - IPEAFRO. Adinkra Nsoromma. <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/>> Acesso em 12 de novembro de 2021.

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiro - IPEAFRO. Adinkra Kuronti Ne Akwamu ou Kontire Ne Akwam. <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/>> Acesso em 16 de novembro de 2021.

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiro - IPEAFRO. Adinkra Sankofa. <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/>> Acesso em 29 de julho de 2021.

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiro - IPEAFRO. Adinkra Fi-Hankra <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/>> Acesso em 04 de dezembro 2021.

